

O PROCESSO HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO E DO CAPITALISMO: O NASCIMENTO DE UMA CULTURA HOMOFÓBICA E RACISTA

Autora; Ritiélly Nunes Félix; Orientador: Antonio Vieira da Silva Filho

(Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB; contato@unilab.edu.br)

RESUMO

O presente artigo consiste em uma análise bibliográfica com embasamento marxista e em pensadores decoloniais latino-americanos. Pretendemos, a partir desse ensaio preliminar, realizar um estudo sobre o a historicidade do colonialismo primordialmente latino-americano, e do capitalismo levando em consideração ambos os fatos históricos e suas contribuições para a gênese do capitalismo global. Tendo este último, não apenas como sistema de produção de mercadorias e valor de troca, mas de uma aculturação dos colonizados e do surgimento de uma cultura eurocêntrica, com base no racismo, na homofobia e na exploração do homem pelo homem, além da subalternização do saber latino-americano e a “soberania ideológica” dos colonizadores e de seu “sistema-mundo/patriarcal do capital moderno”. Apontamos o processo de colonização, contendo em si o capitalismo ainda embrionário em sua primeira fase, esse já se apresenta no colonialismo, não como algo fixado e já estruturado, mas que já estruturava-se com base no eurocentrismo e justamente nessa prática de poder sob os corpos dos colonizados, sendo assim, o capitalismo é para além de um sistema articulado de expropriação da força de trabalho humano, ele é o próprio processo de desumanização e de coisificação do ser, de aculturação e introjeção dos valores do outro (colonizador) pelo colonizado, o que nos coloca em uma situação que carece de revolução imediata, com intuito do desmonte de toda conjuntura histórica, cultural econômica com base na ideologia de poder eurocêntrico “universal”. Situação essa com a qual convivemos todos os dias e que não pode modificar-se e humanizar-se por si própria, ela precisa ser historicamente desconstruída via revolução. Para que possamos reconstruir historicamente pela coletividade humana uma sociedade verdadeiramente emancipada, de igualdade socioeconômica e de respeito e aceitação do pluralismo cultural, racial e das distintas formas de amar.

Palavras-chave: Colonialismo, Capitalismo, Capital/Global, Homofobia, Racismo.

INTRODUÇÃO

O trabalho, a escravidão, o comércio e a homossexualidade são fenômenos de longas datas, antes mesmo de Cristo (a.c). O trabalho é conceituado por Lessa e Tonet (2008, p. 11) segundo seus estudos marxianos, como o fundamento do ser social, sendo uma relação do homem com a natureza e que o humaniza, pois, a partir do momento que este transforma a natureza ele é transformado por ela. Com relação à escravidão na antiguidade, essa estava vinculada a guerra, como na Grécia e em Roma, aquele que era derrotado, era feito escravo de seu vencedor. Essa prática era comum entre os Incas e Astecas no México. O guerreiro vencido se tornava escravo, dominado, pertencia aquele que lhe venceu. Outra prática escravista, muito utilizada na antiguidade era o pagamento de dívidas por meio da venda de pessoas, até mesmo filhos, filhas e demais familiares aos seus credores.

Com relação ao comércio, Grespan (2013: 22min49seg) ressalta sua existência secular como meio de subsistência de muitos que viviam exclusivamente da compra barata de mercadores e de sua venda em valor elevado, tendo assim o lucro, sendo que com a inclusão da moeda/dinheiro entre gregos e romanos, surgiram os juros e aqueles que viviam exclusivamente desses juros, no entanto, essas duas formas de atuação, tanto a comercial como a usureira, foram incluídas no mundo moderno do capital, na esfera do capital de produção industrial, mas que não se restringe as indústrias, mas se generaliza a toda a atividade capital produtiva.

Com relação à “homossexualidade”, termo que não existia na antiguidade, tendo outras nomenclaturas e outras concepções societais, mesmo assim o fenômeno ocorria na Grécia antiga, com suas finalidades voltadas para guerra na maioria dos casos, ou na educação dos moços. Na América Latina, conforme Fernandes (2015, p. 24) a “homossexualidade indígena” aparece de formas variadas e em diferentes fontes desde o início da colonização do Brasil. Parte desta literatura foi já explorada por Luiz Mott segundo Fernandez, em alguns de seus textos sobre história da homossexualidade no Brasil. Indicando a existência dos termos *tibira* e *çacoaimbeguira* para referir-se aos índios gays e às índias lésbicas.

Entretanto, em decorrência de alguns fatos históricos como o surgimento do cristianismo e a colonização da América, a heteronormatização veio atrelada ao pensamento colonial/europeu/religioso-patriarcal, como uma nova compreensão das relações homoafetivas, uma compreensão pejorativa. Com a invasão europeia veio à exploração de vários seres humanos, com a classificação e coisificação dos nativos e dos africanos que foram escravizados no Brasil.

Os europeus, com base tão somente em suas hipóteses de superioridade, segundo Quijano (2005, p. 117) classificou os demais (não-europeus) como inferiores, classificaram em distintas categorias; “raça” devido as distinções biológicas, sendo que com isso, fez a distribuição do trabalho escravo a esses inferiores a classificação de gênero tomando por base a visão patriarcal e criacionista cristã de homem e mulher (Adão e Eva). E como produto destas subdivisões desumanas, veio à exploração do trabalho escravo com base na “raça” e a tentativa de normatização sexual por via da educação dos jesuítas. Assim, criou-se na América Latina uma verdadeira hierarquização de seres humanos, no topo estavam os europeus homens, brancos e por fim dessa cadeia monstruosa; a mulher negra.

A história da colonização das mulheres negras é uma história de estupros. É uma história de sexo forçado, heterossexual, heteroracial, heterocultural que deixa a miscigenação como legada—uma

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

história de relações sexuais promovendo o assujeitamento. As mulheres negras—ocupáveis por serem mulheres, avassaladas por serem negras—são frequentemente associadas a animais sexuais sedutores, mas subjugáveis (BENSUSAN, 2005, p. 2).

A ideia de raça e essa perseguição pela heteronormatização inexistiam antes a colonização, mas após a colonização, essa classificação opressora, passou a nos acompanhar dia a dia, e temos de lutar contra o sistema mundo capital eurocêntrico e seus derivados a cada segundo, na maioria das vezes, colonizado contra colonizado, pois o colonizador em sua corporeidade saiu de nossas terras, mas deixou as ideologias eurocêtricas.

Com o processo de colonização nascem os “brancos”, os “negros”, os “índios”, os “mestiços”, o patriarcado e a família nuclear como imposição, a dualidade de gênero – homem e mulher – como única possibilidade dentro de país cristão. E com isso temos a gênese da homofobia, do racismo, e etc., surge aí os preconceitos, os estigmas e as classificações.

Os povos colonizados, tanto brasileiros como africanos, foram atacados ideologicamente por parte dos religiosos jesuítas aliados aos interesses de expansão de poder Europeu, chegaram a América para “civilizar”, ou seja, o povo americano era selvagem. Por isso careciam de catequese e educação. No Brasil, a dita primeira modalidade de “educação” brasileira com os Jesuítas teve início em 1549;

Ora, no caso da educação instaurada no âmbito do processo de colonização, trata-se, evidentemente, de aculturação, já que as tradições e os costumes que se busca inculcar decorrem de um dinamismo externo, isto é, que vai do meio cultural do colonizador para a situação objeto de colonização (SAVIANE, 2008, p. 27).

A educação dos jesuítas foi um desrespeito com a cultura e com valores dos nativos. No caso dos índios a intenção era catequizá-los, ou seja, imprimir nos nativos os costumes e cultura que não lhes tinha nenhum significado. Esse modelo jesuítico, ainda se faz presente na educação brasileira. O que temos na escola em muitos casos é o ensino da história de forma totalmente eurocêntrica e sem a menor criticidade, como se nossos colonizadores tivessem o heroísmo de nos instituir como civilização e como sujeitos, uma Europa que é a criadora da América e dos demais países colonizados, uma Europa que nos constituiu continente capitalista e nos inseriu na produção. Portanto, tudo isso é o inverso, quem elevou os colonizadores foram as suas colônias, ou melhor, foram às colônias que levaram nas costas a Europa até a riqueza capitalista, com suor e sangue.

Os últimos cinco séculos, descritos como era da modernidade, foram definidos por uma série de processos históricos, incluindo o tráfico atlântico de escravos e instituições que acompanharam a escravidão, e a colonização europeia de África, Ásia e América Latina. A ideia de modernidade evoca o desenvolvimento do capitalismo e da industrialização, bem como o estabelecimento de estados-nação e o crescimento das disparidades regionais no sistema mundo. O período tem assistido a uma série de transformações sociais e culturais. Significativamente, gênero e categorias raciais surgiram durante essa época como dois eixos fundamentais ao longo dos quais as pessoas foram exploradas, e sociedades, estratificadas (OYĒWŪMÍ, 2004, p.1).

Demoramos a compreender que as questões étnico-raciais e de gênero são construções históricas e de uma alta complexidade, porém, não insuperáveis, pois, como nos diz Sergio Lessa (2009, p. 21) somos nós os responsáveis pela história humana. E se somos o que somos hoje coletivamente é porque nós nos fizemos assim. Se na coletividade, decidirmos que seremos diferentes, nós seremos diferentes; não há nenhum limite à história dos homens, senão, os próprios seres humanos. E é essa lógica de revolução que permeia todo nosso discurso, nesse entrelaçamento do saber latino – americano de resistência dando acréscimos e fortalecimento o pensamento revolucionário marxiano.

O vasto genocídio dos índios nas primeiras décadas da colonização não foi causado somente pela violência imediata da conquista, nem pelas enfermidades que os colonizadores trouxeram em seus corpos, mas porque tais índios foram usados como mão de obra descartável, forçados a trabalhar até morrer.

Os colonizadores detiveram o poder das terras alheias; ignoraram a cultura dos reais donos do espaço; acharam-se no poder de classificar socialmente os colonizados em *raças* distintas e inferiores a dos colonizadores, usando por base uma construção mental de diferenciação biológica suposta pelo próprio pensamento eurocêntrico de superioridade. E com base nessas atrocidades os colonizadores legalizaram seu direito de oprimir e expropriar. O pensamento e as ações megalomânicas dos colonizadores permanecem no capitalismo global.

METODOLOGIA

Para elaboração desse artigo nos utilizamos do método qualitativo de pesquisa, para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica de revisão de literatura, onde recorreremos à autores marxistas, o próprio Marx e Engels (2004), Lessa (2008 – 2009), Tonet (2009), Mészáros (2009), Grespan (2013), Coggiola (2011), Saviane (2008), Grosfoguel (2002), Mignolo (2014) entre outros que apresentam direta, ou

indiretamente a leitura marxiana, e demonstra uma preocupação com as consequências absurdas que permeiam o mundo dos expropriados, dos oprimidos e rejeitados por consequência de um processo de colonização e de capital global.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O capital como arrolamento social baseado na mercantilização da força de trabalho, nasceu possivelmente por volta dos séculos XI e século XII, nas proximidades da região meridional das penínsulas ibéricas e/ou itálica e conseqüentemente, e por conhecidas razões, no mundo islâmico. Sendo assim, Quijano (2005, p. 126) deixa claro que o capital é mais antigo que a América, mas que antes da emergência da América não estava estruturalmente articulado em lugar algum uma forma de organização e de controle da força de trabalho e do próprio trabalho, nem detinha ainda predominância sob as organizações de controle de trabalho existentes nessa época.

Só com a América pôde o capital consolidar-se e obter predominância mundial, tornando-se precisamente o eixo em torno do qual todas as demais formas foram articuladas para os fins do mercado mundial. Somente desse modo o Capital transformou-se no modo de produção dominante. Assim, o capital existiu muito tempo antes que a América. Contudo, o capitalismo como sistema de relações de produção, isto é, a heterogênea engrenagem de todas as formas de controle do trabalho e de seus produtos sob o domínio do capital, no que dali em diante consistiu a economia mundial e seu mercado, constituiu-se na história apenas com a emergência da América (QUIJANO, 2005, p. 126).

Na Europa, as vias da acumulação primitiva foram à ruína e expropriação compulsória de camponeses e artesãos a separação do produtor direto dos meios de produção, foi uma condição prévia do capitalismo. E a exploração da América, da Ásia e África forneceu a outra condição essencial para o crescimento dos europeus: a posse de “grandes quantidades de capital”. Na formulação de Marx, “o sistema colonial jogou de uma só vez pela janela todos os velhos ídolos. Proclamou a produção de mais-valia como a finalidade última e única da humanidade” (COGGIOLA, 2011, p. 2). Marx e Engels denunciam o real papel dessa nova classe que ascende ao poder;

Onde quer que tenha assumido o poder, a burguesia pôs fim a todas as relações feudais, patriarcais e idílicas. Destruiu impiedosamente os vários laços feudais que ligavam o homem e seus “superiores naturais”, deixando como única forma de relação de homem a homem o laço do frio interesse, o insensível “pagamento à vista”. Afogou os êxtases sagrados do fervor religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas gélidas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e em nome das numerosas

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

liberdades conquistadas estabeleceu a implacável liberdade de comércio. Em suma, substitui a exploração, encoberta pelas ilusões religiosas e políticas, pela exploração aberta, única, direta e brutal. [...] A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou cidades enormes, aumentou tremendamente a população urbana em relação à rural, arrancando assim contingentes consideráveis da população do embrutecimento da vida rural. Assim como subordinou o campo à cidade, os países bárbaros e semibárbaros aos civilizados, subordinou os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente (MARX & ENGELS, 2004, p. 28-30).

Se analisarmos, no sistema colonial de classificação e hierarquização das “raças”, temos a mulher negra como símbolo sexual, e o homem negro como um estuprador em potencial, estigmas que os perseguem para além da história de brutal escravidão e até mesmo extermínio.

Os homens negros foram (...) reconstruídos como animais sexuais ativos para constituir o mito do estuprador negro. As mulheres negras tiveram que se adaptar à intimidação e ao abuso dos homens brancos e à indiferença das mulheres brancas que exibem uma imagem de feminilidade—e demandas de política sexual e emocional—em grande contraste com a situação das negras (BENSUSAN, 2005, p.2).

Quanto ao agravo dos crimes motivados por homofobia que vivenciamos no século XXI, como consequência de um Brasil Capitalista/Colonial, temos a barbárie, no celular, na televisão, no facebook. As mortes violentas por consequência da homofobia/transfobia têm sido difundidas pelos diversos meios de comunicação e redes sociais, advindas da tecnologia de ponta do capital global. São vídeos, telejornais e as mais absurdas violências que não podem ser naturalizadas, mas contestada por uma posição de resistência articulada. Pois assim como no caso de Dandara (45 anos), travesti assassinada em Fortaleza em 15 de fevereiro de 2017, existem muitas, no caso Dandara o vídeo que mostra a tortura, foi divulgado via redes sociais. Segue descrição do vídeo;

“Suba, suba! Não vai subir, não?!”, bradam agressivamente três homens, em vídeo, enquanto Dandara, sentada ao chão, mal consegue se mover. Ela chora. Um dos homens tira do pé o chinelo e o utiliza para bater na cabeça dela. Chama Dandara de “viado ‘fêi’”. Chutes e tapas vêm de todo lado em direção ao único alvo. A travesti sangra e tenta subir no carrinho de mão enferrujado apontado por seus algozes. Não consegue. “Sobe logo! A ‘mundiça’ tá de calcinha e tudo” zomba outro que filma, antes de um quarto garoto aparecer e chuta diretamente o crânio de Dandara. Depois disso, as agressões miram só ali: na cabeça loura-avermelhada que resulta da mistura de cabelo e sangue. Ela tenta levantar. Um quinto homem surge com um pedaço de madeira quase do próprio tamanho e o utiliza para bater repetidas vezes nela, que já não se sustenta. Juntos, os cinco levantam Dandara e a jogam no carrinho. Levam sabe lá para onde. É encerrado com um minuto e 20 segundos o vídeo da tortura. Circulando em páginas da internet, o assassinato da travesti Dandara dos Santos, 42, agredida até a morte no último dia 15 de fevereiro, no bairro Bom Jardim, em Fortaleza, choca por inúmeros motivos, mas, principalmente, pelo ódio dos agressores e pela banalidade como tiram a vida de alguém que não consideram como igual (SEVERO, O povo online, 2017).

Lamentavelmente Dandara é somente um exemplo, dentre tantos outros registrados no ano corrente de 2017, são ações que são intoleráveis, absurdas, semelhantes às torturas coloniais nos corpos negros, das mulheres negras e dos nativos. Entretanto com a saída do colonizador de nossas terras, ficaram as ideologias, suplantadas justamente nos cargos mais altos e visíveis para manutenção da expropriação, da submissão tenta retroalimentar, no discurso racista que é um pouco mais velado e no discurso homofóbico do sistema neoliberal.

Como maior exemplo de retroalimentação da homofobia via visão patriarcal e que se populariza pelos meios de comunicação é o discurso que vem diretamente de políticos religiosos que mesmo que não queiram fazer ali uma apologia ao assassinato dos travestis, sustenta o preconceito e aponta o homossexual e o travesti como um ser humano em constante ato pecaminoso e totalmente inaceitável socialmente. O que colabora com a homofobia e com atos criminosos. Como exemplo, temos o Pr. Takayama, que usa de discurso altamente preconceituoso e homofóbico como com um tom de preconceito regional quando se refere ao Cearense;

A bancada evangélica na Câmara está sob nova direção e ideologia de sempre. Saiu o deputado-delegado João Campos (PRB-GO), entra o deputado-pastor Hidekazu Takayama (PSC-PR). Sua prioridade é clara: são 29 menções à família em uma hora de entrevista no gabinete do novo presidente de uma frente que conta com 188 deputados signatários (cerca de cem deles atuantes). E não qualquer uma: aquela com homem e mulher, até porque onde já se viu “Adão casado com Evo, ou Eva com Ada”, diz. “Se a Bíblia tivesse [esses casais], só teria os primeiros capítulos. Somos coerentes com as leis naturais.” [...] Takayama afirmou que “homem com homem não gera”, e ela rebateu: “Não gera, mas cria”. “Por que defendemos o Estatuto da Família com unhas e dentes? Ninguém é dono da verdade, mas entendemos que, se você tivesse dois pais, não estaria aqui, estaria? [...] Na semana passada, o presidente Michel Temer recebeu no Palácio do Planalto parte da bancada da fé. Discutiram maconha, aborto, ideologia de gênero no currículo escolar e se alunos transexuais podem usar o banheiro que preferirem, “eles” ou “elas”. Os deputados foram taxativos: não, não, não e nem pensar. Temer disse que, pessoalmente, concordava, segundo relatos. No mesmo dia, o Ministério da Educação divulgou documento que subtrai “identidade de gênero” e “orientação sexual” da nova base nacional curricular, que definirá o que os alunos DEVEM aprender da creche ao ensino médio. As expressões apareciam em texto que o MEC divulgou dois dias antes a jornalistas. [...] Com a palavra, Takayama, 68, que lidera no Paraná a Cristo Vive, uma das milhares de igrejas sob aba da Assembléia de Deus. [...] Takayama brinca que, pelos olhos puxados, no Brasil é confundido com um “cearense com conjuntivite”. Descendente de japoneses budistas, ele se converteu evangélico na adolescência, após “um irmão me falar muito de Jesus”. “No ginásio quase caminhei para as guerrilhas, lá em Osasco, terra do capitão Lamarca. Entre a ideologia de esquerda e os ensinamentos de Cristo, não tem como”, afirma Takayama, que ainda assim se diz de esquerda, “por lutar pelos pobres”. Um projeto de lei que coassina com colegas evangélicos propõe sustar decreto sancionado por Dilma Rousseff, que “dispõe sobre o uso do nome social de pessoas travestis e transexuais” em órgãos federais, como estatais e universidades –ou seja, uma servidora trans batizada no masculino ter o direito de usar no crachá o nome de mulher (BALLOUSSIER, Folha de São Paulo, 2017).

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

Depois desse extenso texto de Takayama, recheado de preconceito, de suas “verdades absolutas”, ao ler, logo se percebe que ele bate de frente com os movimentos de resistência que existem dentro das instituições federais, das universidades principalmente, em uma retirada de direito de usar o nome feminino, sendo travesti, ou, transexual. É querer impor sua ideologia religiosa para além dos muros de sua igreja para dentro dos órgãos federais. Essa não é a primeira vez que bancada evangélica se coloca contra a todo e qualquer tipo de movimento de resistência que envolve gênero, quem não lembra à dita “cura gay” de Marcus Feliciano. E essa homofobia é compartilhada pelo ainda atual “presidente” Temer o que se comprova na citação acima.

CONCLUSÕES

Isso é uma neocolonização ditatorial megalomaniaca de um presidente que decidiu mostrar em ato que a “democracia burguesa” e “emancipação política” é pura falácia, que o povo nem precisa ler, só observar atualmente.

A queda do eurocentrismo é necessária para uma maior valorização da história da América Latina e dos demais saberes ainda vistos como subalternos e periféricos, embora, estes saberes não se enquadrem no sistema capitalista mundial, até mesmo por denunciarem o mesmo, pois, obviamente que um continente colonizado no passado e ainda dominado por forças internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, não possui a mesma forma de capitalismo que seus colonizadores, nem a mesma que existe paralelamente na América do Norte, pois a história tem peso, a história é uma produção humana que pode se virar contra os próprios homens, ou pode colaborar com os mesmos. Segundo Quijano (2005, p.1);

A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse poder de padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a idéia de *raça*, uma construção mental que expressa à experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo .

O processo da construção do capitalismo mundial e como sistema organizado e do fenômeno que hoje chamamos de globalização tem

sua gênese no período das grandes navegações, pois, o que era uma empreitada de expansão dos grandes reinos, que para se efetivar tinha de se superar os medos da leitura de mundo da época, (exemplo: a terra quadrada e os perigos das navegações), porém, os interesses comerciais e mercantis eram urgentes e superaram os medos e crendices, o poder e a expansão marítima, foram de mais valor. Aqui, é possível observar a mesma sede de poder que transpassa o sistema capitalista e o colonialismo.

Atualmente, vemos ser oferecida a varinha mágica da *globalização* como uma solução automática para todos os problemas e contradições enfrentados. Esta solução é apresentada como uma novidade completa, como se a questão da globalização aparecesse no horizonte histórico somente há uma ou duas décadas com sua promessa de bondade universal, ao lado da outrora igualmente saudada e reverenciada noção da “mão invisível”. Mas, na realidade, o sistema do capital moveu-se inexoravelmente em direção à “globalização” desde seu início. Devido à irrefreabilidade de suas partes constitutivas, ele não pode considerar-se completamente realizado a não ser como um sistema global totalmente abrangente. É por essa razão que o capital procurou demolir todos os obstáculos que permaneciam no caminho de sua plena expansão e porque ele deve continuar a fazê-lo enquanto o sistema perdurar (MÉSZÁROS, 2009, p. 13).

Diante de tantos fatos agressivos relacionados ao racismo, a homofobia, a agressão de gênero, as dualidades impostas, onde você só dispõe de duas possibilidades, ou é Maria, ou é José, diante dessa dominação ideológica, do corpo, do espaço, das subjetividades é que Walter Mignolo (2014) entre outros autores latinos americanos, nos alerta sobre a importância da emergência da descolonização, dos saberes e dos atos, sobre a importância da derrubada do poder que se estabelece com base no eurocentrismo, saber esse, que dá fundamento para tudo isso, esse radicalismo cristão, o preconceito que tem coloração, o capital e sua distribuição de misérias.

Para Mignolo (2014) importante desnaturalizar a organização do trabalho, conhecendo a gênese desse processo histórico que hierarquizou gênero e raça, criando estigmas de raça e de classe social que até hoje nos assombram. O autor nos alerta sobre a necessidade de desconstrução do que vivemos atualmente, pois foi algo socialmente produzido pelos homens e temos de compreender a construção dessas estruturas para combatê-las socialmente e estabelecer o reconhecimento de nosso saber latino americano.

Com isso, Mignolo, Quijano e Grosfoguel vem nos chamar a atenção, assim como entre outros autores latinos americanos e africanos como Fanon, sobre a importância da derrubada do poder que se estabelece com esse saber com base no eurocentrismo. Não que se pretenda acabar com os autores e grandes estudiosos Europeus, como Marx que nos é de grande valia pra que hoje esse diálogo seja possível,

entre tantos outros autores europeus, mas o que se pretende é retirar nosso saber latino americano da esfera da subalternização e poder estabelecer diálogo horizontal com os pensadores europeus que realmente contribuíram para a humanidade. O que pretendemos é desnaturalizando de tudo aquilo que foi naturalizado e até hoje é motivo de militância devido os prejuízos causados aos Latinos Americanos e tantos outros países que sofreram a colonização.

Mas nesse ponto encontramos obstáculos como já nos foi dito por Marx, sobre a necessidade de uma revolução, que na sociedade do capital nada se transformaria muito menos se alcançaria a emancipação humana. (LESSA & TONET, 2008). Nesse ponto tanto marxistas como decolonialistas concordam que é preciso uma superação dessa sociedade capitalista em sua estrutura cultural e econômica.

Pois mediante a aculturação sofrida no colonialismo, temos hoje um “sistema-mundo patriarcal/capitalista colonial/moderno capital” segundo o que diz Grosfoguel (2002, p. 139-140). Que transforma seres humanos em assassinos homofóbicos; racistas que matam por ódio da cor; homens que cometem crimes passionais por se sentir superior a mulher.

E para que possamos sequer pensar na superação dessas sequelas históricas, pontual, pois assim como o homem jamais será um homem emancipado na sociedade capitalista, somente se a superarmos, para além das reformas progressistas. Porquanto, mesmo após o colonialismo agora somos vitimados pela dicotomia Norte-Sul, sendo que nossa saúde, nossa educação e etc., tudo é submetido às deliberações do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, em total dependência já que somos um país periférico, portanto Grosfoguel (2002, p. 139) afirma algo similar sobre essa dominação econômica e cultural que nos oprime, pois para Grosfoguel, um diálogo intercultural Norte – Sul não pode ser alcançado sem que ocorra uma descolonização das relações de poder no mundo moderno, pois isso exige uma transformação nas estruturas de poder globais.

Mészáros (2009) saliente que foi fracassada “modernização” do assim chamado “terceiro mundo”, em concordância com as prescrições difundidas por décadas pelos países “capitalistas avançados”, destaca o fato de que um grande número de pessoas, não apenas na Ásia, como também na África e América Latina, ficou fora da terra, por muito tempo prometida, da prosperidade capitalista liberal, o que não espanta em nada já que ainda estamos em luta contra a hegemonia, daqueles que almejam nos manter na colonização ideológica do saber, da cultura e da classificação dos seres humanos.

O capital globalizado e em sua atual crise estrutural não vai se redimir por conta própria, não são as reformas progressistas capitalistas que vão salvar a classe trabalhadora, somente os trabalhadores podem reivindicar aquilo que lhes pertence, somente o coletivo pode fazer história e revolução, uma nova transição como sempre se deu na história por meio da luta e da revolução.

[...] a frase de Rosa Luxemburgo adquiriu uma urgência dramático. Não existem rotas conciliatórias de fuga. Ainda assim, nem mesmo o fato de se poder afirmar com certeza que a fase histórica do imperialismo hegemônico global haverá também de fracassar em razão de sua incapacidade de dar solução para as contradições explosivas do sistema, ou mesmo de adiá-las indefinidamente, é promessa de solução para o futuro. Muitos dos problemas que teremos de enfrentar do desemprego estrutural crônico até os graves conflitos econômicos, políticos e militares internacionais indicados acima, e até a destruição ecológica generalizada observada por toda parte - exigem ação combinada em futuro muito próximo. A escala temporal dessa ação talvez possa ser medida em algumas décadas, mas certamente não em séculos. O tempo está se esgotando (MÉSZÁROS, 2009, p. 9).

Mészáros (2009, p. 11) em seus estudos sobre a decadência do capital e de suas crises estruturais assegura que o sistema do capital é necessariamente antagônico devido à estrutura hierárquica de subordinação do trabalho ao capital, o qual usurpa inteiramente e deve sempre usurpar o poder de tomar decisões.

Este antagonismo estrutural do capital deve prevalecer em todo lugar, do menor “microcosmo” constitutivo ao “macrocosmo” abarcando as relações e estruturas reprodutivas mais abrangentes. Justamente porque o antagonismo é *estrutural*, o sistema do capital é e sempre deverá permanecer assim, *irreformável* e *incontrolável*. Por isso não existe saída dentro do que chamaremos de “Sistema Mundo Capital”, a não ser a revolução, a queda do capitalismo e de tudo que nele existe, eurocentrismo, preconceito, subordinação, expropriação e barbárie. Parece utópico, mas é possível sim, somos nós que fazemos história.

REFERÊNCIAS

BALLOUSSIER, Anna Virginia. **Adão e ‘Evo’ não pode diz novo presidente da bancada evangélica**. Folha de São Paulo; São Paulo, 17 de abril de 2017. Folha Poder; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/04/1876035-adao-e-evo-nao-pode-diz-novo-presidente-da-bancada-evangelica.shtml>; Acesso em: 17/05/2017.

BENSUSAN, Hilan. **Heterossexuais, heteroraciais, heteroculturais: as colonizações das mulheres negras**. Brasília, UNB, 2005.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

COGGIOLA, Osvaldo. **A colonização da América e a acumulação originária do capital**. Revista pós Cruzeiro do Sul, p. 140-174, 2011.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Decolonizando sexualidades: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos**. 2016.

GRESPLAN, Jorge. **MARX A CRIAÇÃO DESTRUIDORA: IV Curso Livre Marx-Engels. A Crítica da Economia Política**. Teatro Paulo Autran do Sesc Pinheiros; em 7 a 15 de maio de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Xp3UFM3nPc>; acesso em 17 de maio de 2017.

GROSGOUEL, Ramón. **Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. In; Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 115-147, 2008.

LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, p. 1-18, 2008.

LESSA, Sergio. **O Marxismo Hoje**. Publicado in Dabat, C.r. e Abreu Lima, M.S. História do Pensamento Socialista e Libertário. UFPE, Recife, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. Boitempo. São Paulo; 2009.

MIGNOLO, Walter, JIMÉNEZ-LUCENO, Isabel, LUGONES, Maria, TLOSTANOVA, Madina. **Género y Descolonialidad**. 2 ed. Cidade Autônoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Tradução para uso didático de: OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires. 2005.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Autores Associados, 2008.

SEVERO, Luana. **Travesti espancada até a morte no Bom Jardim, Fortaleza – CE**. O Povo Online; seção violência, em 03 de março de 2017. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/03/travesti-e-espancada-ate-a-morte-no-bom-jardim.html>; Acesso em 17 de maio 2017.